

SEF – Sociedade Espírita Fraternidade
Estudo Teórico-prático da Doutrina Espírita

Unidade 57

TEMA : O PASSE: Introdução. Objetivos do Passe. Formas de Aplicação.

↳ **Introdução:**

“Organizemos, assim, o socorro da oração, junto de todos os que padecem no corpo dilacerado, mas, se a cura demora, jamais nos aflijamos”. Emmanuel (Extraído do Livro Mediunidade e Evolução de Martins Peralva, página 149).

Conforme encontramos em **“A Gênese”**, item 17, “Os fluidos não possuem qualidades **sui generis** (termo latino – “de seu próprio gênero”), mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios (**eflúvio - s. m. Fluido sutil que emana dos corpos organizados; efluência; exalação; emanação; (fig.) fragrância; perfume. (Do lat. effluviu.)** desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são, como as da água e do ar, temporárias ou permanentes, o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos...”

O Espírito André Luiz, informando sobre o passe, do ponto de vista da medicina humana, declara, em **“Evolução em Dois Mundos”**, capítulo 15:

“Pelo passe magnético, no entanto, notadamente aquele que se baseia no divino manancial (1. *adj.* 2 *gên.* Que mana incessantemente. 2. *s. m.* Nascente de água; fonte; origem.) da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem, para que essa vontade, novamente ajustada à confiança, magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência (*s. f.* Qualidade do que é contingente; eventualidade; possibilidade de um fato acontecer ou não; acaso. (Do lat. *contingentia.*), se recomponha para o equilíbrio indispensável”.

Pouco antes, dissera ele que:

“Toda queda moral, nos seres responsáveis, opera certa lesão no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento”. Retomando ao tema, no livro “Mecanismo da Mediunidade”, observa ainda, esse mesmo autor espiritual, que “o passe é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de toda classe, desde as crianças tenras aos pacientes em posição provectora (**provectoro - adj. Que tem progredido; adiantado; avançado em anos. (Do lat. *provectoru.*)** na experiência física, reconhecendo-se, no entanto, ser menos rico de resultados imediatos nos doentes adultos que se mostrem jungidos (**jungir - v. tr. dir. Juntar, emparelhar; unir, ligar; tr. dir. e ind. ligar; prender; atar (a veículo); submeter. (Verbo defectivo [sem 1.ª pess. do sing. do ind. pres., e, portanto, sem subj. pres.]; conjuga-se por *ungir.*)** à inconsciência temporária, por desajustes complicados do cérebro. Esclarecemos, porém, que, em toda situação e em qualquer tempo, cabe ao médium passista buscar na prece o fio de ligação com os planos mais elevados da vida, porquanto, através da oração, contará com a presença sutil dos instrutores que atendem aos misteres (**mister – (lê-se mistér) s. m. Emprego; ocupação; trabalho; urgência; necessidade; aquilo que é forçoso. (Do lat. *ministerium.*)** da Providencia Divina, a lhe utilizarem os recursos para a extensão incessante do Eterno Bem.”

Observamos que os textos aqui reproduzidos referem-se especificamente ao passe curador, aplicado em seres encarnados. Como sabemos, porém, o passe é utilizado

para magnetizar, provocando, nesse caso, o desdobramento do perispírito, e até o acesso à memória integral e conseqüente conhecimento de vidas anteriores, segundo experiências de Albert de Rochas (lê-se Rochá), reiteradas posteriormente por vários pesquisadores.

A literatura sobre o passe magnético é vasta, mesmo fora do âmbito estritamente doutrinário do Espiritismo, de vez que o magnetismo foi amplamente cultivado na Europa, no século passado, principalmente na França. (texto extraído do Livro **Diálogo com as Sombras** de Hermínio C. Miranda, págs. 246 e 247).

Objetivos do Passe:

1 – Conhecer, dominar e exercitar as técnicas adequadas de transmissão do passe, que devem basear-se na simplicidade, na discrição e na ética cristã.

2 – Associar corretamente as bases do fenômeno do passe com as unidades anteriores (concentração, prece e irradiação), para melhor sentir essa transfusão de energias fluídicas vitais (psíquicas) e/ou espirituais, através da imposição de mãos que facilite o fluxo e a transmissão dessas energias.

3 – Compreender as necessidades das condições de ambiente, local e recinto adequado e situações favoráveis ao exercício e aplicação do passe.

4 – Observar com rigor as condições morais, físicas e espirituais e de conhecimento doutrinário que o passista deve possuir, para desempenhar a atividade do passe com eficiência e seriedade.

5 – Verificar, com especial cuidado, a forma correta e simples da aplicação do passe, evitando o formalismo e as atitudes constrangedoras ou práticas esdrúxulas (**1. adj. (gram.) Diz-se do vocábulo acentuado na antepenúltima sílaba; designativo do verso que termina em palavra esdrúxula; (pop.) extravagante; excêntrico; esquisito. (Do ital. *sdrucchiolo*.) 2. s. m. Verso esdrúxulo; palavra esdrúxula.**) que fogem à discrição doutrinária gerando condicionamentos e interpretações errôneas de sua aplicação.

6 – Reconhecer e exercitar disciplinadamente a aplicação do passe, desapegado da mediunização ostensiva, evitando o aconselhamento ao paciente (que deve ser feito em trabalho especializado), ciente de que tal aplicação deve ser silenciosa, com unção (**s. f. Ato ou efeito de ungir ou untar; (fig.) sentimento piedoso; caráter de doçura atrativa; modo insinuante de falar. (Do lat. *unctio*.)** cristã, associando ao máximo possível as suas energias às do mundo espiritual, para maior eficiência no socorro prestado (vide Livro **“Nos Domínios da Mediunidade”**, Cap. 17).

7 – Reconhecer que é dispensável o contato físico na aplicação do passe, o qual pode gerar barreiras e constrangimento, atendendo à ética e à simplicidade doutrinárias, já que a energia que se transmite é de natureza fluídica e, portanto, se faz através das auras (passista-paciente) e não pelo contacto da epiderme, consoante se pode demonstrar atualmente por efeitos registrados em aparelhos (máquina Kirlian). Ocorre um fluxo de energias como uma ponte de ligação de forças passista-paciente.

8 – Conscientizar-se de que na tarefa de auxílio pelo passe o médium não deve expor-se, baseado apenas na boa vontade, mas sim se precaver a benefício da própria eficiência do atendimento, observando as condições necessárias à sua aplicação

(ambiente, local, sustentação, etc), procurando desempenhar sua função em Centro Espírita, evitando instituir atendimento em casa, exceto no Culto do Evangelho quando perceber sua necessidade ou atender alguém enfermo em sua residência em situação de emergência, tomando as precauções necessárias. Excepcionalmente, atender os necessitados que por motivos de doenças, idade avançada, acidentes, etc, não podem locomover-se até o Centro Espírita, tomando para isso as medidas de precauções necessárias para fazê-lo em equipe ou reunindo companheiros seguros que possam auxiliar em tal tarefa.

09 – Compreender e distinguir em que situações o resultado do passe pode ser benéfico, maléfico ou nulo, preparando-se convenientemente para torna-lo sempre benéfico. O Centro Espírita deve possuir serviço de passe em trabalho destinado ao público com elucidação evangélico-doutrinária e orientação dos que buscam o passe quanto às atitudes que devem observar para melhor receberem os seus benefícios. A aplicação do passe deve ser feita em sala especial do Centro Espírita, atendendo as características de Câmara de Passe. (Extraído do Manual de Aplicação do COEM pgs. 99,100 e 101).

Passé – Forma de Aplicação

Antes de quaisquer considerações a respeito das formas de aplicação do passe, convém lembrar que o passista deve, em primeiro lugar, preparar-se convenientemente, através da elevação espiritual, por meio de preces, meditação, leituras adequadas, etc. em segundo lugar, deve encarar a transmissão do passe como um ato eminentemente fraternal, doando o que de melhor tenha em sentimentos e vibrações.

A transmissão do passe se faz pela vontade que dirige os fluídos para atingir os fins desejados. Daí, concluir-se que antes de quaisquer posições, movimentos ou aparatos (**aparato - s. m. Apresentação pomposa; pompa; esplendor; magnificência; conjunto de instrumentos para fazer alguma coisa; reunião de notas e outros elementos elucidativos que acompanham uma obra. (Do lat. *apparatu.*)**) exteriores, a disposição mental de quem aplica e de quem recebe o passe, é mais importante.

Deve-se, na transmissão do passe, evitar condicionamentos que se tornaram usuais, mas que unicamente desvirtuam a boa prática espírita.

Destacamos, a seguir, aquilo que o conhecimento de mecânica dos fluídos já nos fez concluir:

1) Não há necessidade do toque, de forma alguma ou a qualquer pretexto, no paciente, para que a transmissão do fluído ocorra. A transmissão se dá de aura para aura. O encostar de mãos em quem recebe o passe causa reações contrárias à boa recepção dos fluídos e, mesmo, cria situações embaraçosas que convém prevenir.

2) A imposição de mãos, como o fez Jesus, é o exemplo correto de transmitir o passe.

3) Os movimentos que gradativamente foram sendo incorporados à forma de aplicação do passe criaram verdadeiro folclore quanto a esta prática espírita, desfigurando a verdadeira técnica. Os passistas passaram a se preocupar mais com os movimentos que deveriam realizar do que com o dirigir seus pensamentos para movimentar os fluídos.

4) Não há posição convencional para que o beneficiado deva postar-se para que haja a recepção dos fluídos (pernas descruzadas, mãos em concha voltadas para o alto, etc). O importante é a disposição mental para captar os fluídos que lhe são transmitidos e não a posição do corpo.

5) O médium passista transmite o fluído, sem a necessidade de incorporação de um espírito para realizar a tarefa. Daí decorre que o passe de ser silencioso, discreto, sem

o balbuciar de preces, a repetição de “chavões” ou orientações à guisa (*s. f. (p. us.) Modo; maneira; jeito. (Do germ. wisa.)* de palavras sacramentais.

6) O passe deve ser realizado em câmara para isso destinada, evitando-se o inconveniente de aplicá-lo em público, porque, além de perder em grande parte seu potencial pela vã curiosidade dos presentes e pela falta de harmonização do ambiente, foge também à ética e à discricção cristãs. A câmara de passes fica constantemente saturada de elementos fluídico-espirituais, permitindo um melhor atendimento aos necessitados e eliminando fatores de dispersão de fluídos que geralmente ocorre no “passe em público”.

7) Devem-se evitar os condicionamentos desagradáveis, tais como: estalidos de dedos, palmas, esfregar as mãos, respiração ofegante, sopros, etc.

8) Antigamente, quando se acreditava que o passe era simplesmente transmissão magnética, criaram-se certas crendices que o estudo da transmissão fluídica desfez, tais como: necessidade de darem-se as mãos para que a “corrente” se estabelecesse; alternância dos sexos para que o passe ocorresse; obrigação do passista de livrar-se de objetos metálicos para não “quebrar a corrente”, etc.

9) Estamos mergulhados num “mar imenso de fluidos” e o médium, à medida que dá o passe, carrega-se automaticamente de fluidos salutares. Portanto, nada mais é que simples condicionamento a necessidade que certos médiuns passistas apresentam de receberem passes de outros médiuns ao final do trabalho, afirmando-se desvitalizados. Poderá haver cansaço físico, mas nunca desgaste fluídico, se o trabalho for bem orientado.

10) O passe deve ser dado em ambiente adequado, no Centro Espírita. Evitar o passe a domicílio para não favorecer o comodismo e o falso escrúpulo dos que não querem ser vistos numa casa espírita porque isso abalaria sua “posição social”. Somente em casos de doença grave ou impossibilidade total de comparecimento ao Centro é que o passe deverá ser dado, “por uma pequena equipe”, na residência do necessitado, enquanto perdurar o impedimento que o mantém sem condições de comparecer à Casa Espírita.

11) A transmissão do fluído deve ser feita de pessoa a pessoa, devendo-se evitar práticas esdrúxulas de dar-se passes em roupas, toalhas e objetos pertencentes ao paciente, bem como não há necessidade alguma de levar-se a sua fotografia para que seja atendido à distância.

12) Não existe um número padronizado de passes que o médium poderá dar, acima do qual ele estará prejudicando-se. A quantidade de passes transmitidos poderá levar o médium a um cansaço físico mas nunca à exaustão fluídica, se o trabalho for bem orientado, pois a reposição de fluidos se dá automaticamente à medida que médium vai atendendo os que penetram a câmara de passes.

Bibliografia:

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Item 17, p. 284 FEB, 1982.

XAVIER, Francisco Cândido. **Pão Nosso**. Pelo Espírito Emmanuel, 110.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nos domínios da Mediunidade**. Capítulo 17, página 170.

XAVIER, Francisco Cândido. **Evolução em dois Mundos**. Pelo Espírito André Luiz. Capítulo 15.

PERALVA, Martins. **Estudando a Mediunidade**. Capítulo XXVII – Na hora do passe.

PERALVA, Martins. **Mediunidade e Evolução**. Página 149.

JACINTO, Roque. **Desenvolvimento Mediúnico**. Item 8.

MIRANDA, Hermínio Corrêa. **Diálogo com as Sombras**. Páginas 246 e 247.

Apostila do COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica – do Centro Espírita Luz Eterna de Curitiba. 11.ª sessão de exercício prático – Passes.

Manual de Aplicação do COEM. Páginas 99, 100 e 101.

Dicionário Brasileiro Globo Multimídia.